

Resenha sobre “Nietzsche et Voltaire”

Book review of “Nietzsche et Voltaire”

Danilo Bilate*

MÉTAYER, Guillaume. *Nietzsche et Voltaire: de la liberté de l’esprit et de la civilisation*. Paris : Flammarion, 2011, 435p.

Não são poucas as tentativas da historiografia filosófica em fazer dialogar dois grandes pensadores, sendo ou não o diálogo forçado e coagido, em caso de ausência de permissão para tanto de qualquer dos autores envolvidos. Especificamente com Nietzsche, além de outros exemplos menores, são já célebres os trabalhos que o fazem dialogar com Schopenhauer e Spinoza, por exemplo. Faltava, entretanto, um trabalho que se dispusesse a relacionar o filósofo alemão com este que seria o símbolo maior das *Lumières* francesas do século XVIII. Faltava porque é pública e notória a influência decisiva da cultura francesa para o pensamento nietzschiano, sobretudo a cultura dos dezoito e porque, embora não tão notório, o projeto de um “novo *Aufklärung*” foi algo persistente nos esboços de Nietzsche – e para compreendê-lo, quando o próprio Nietzsche se distanciou radicalmente de Rousseau e da Revolução Francesa, só nos resta Voltaire, justamente aquele a quem foi dedicado o primeiro volume de *Humano, demasiado humano*.

A obra de fôlego de Métayer, até hoje disponível apenas em francês, realiza a contento o esforço elogiável de correlacionar Voltaire e Nietzsche. Logo de início, algo extremamente importante, é lembrado que também Voltaire vivia a Filosofia como uma atividade prática, distante do eruditismo barato (p.15), exatamente como, tantas vezes, Nietzsche propôs que o fizéssemos, especialmente nós, datados no seu futuro, herdeiros de sua esperança de vencer a estéril historiografia erudita – ainda que nós, diga-se tristemente de passagem, permaneçamos históricos, nessa época mais empobrecida

* Professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFRRJ. Seropédica, RJ, Brasil. Contato: [danilobilate@yahoo.com.br](mailto:danielbilate@yahoo.com.br)

nesse aspecto daquela que precedeu Nietzsche, a vigorosa época das Luzes. Isso porque nós estamos longe de desejar uma “reforma global da cultura” (p.16) tal qual a desejou ambos os pensadores.

A questão de Nietzsche ter lido ou não Voltaire, questão importante para o espírito historiográfico, é logo deixada parcialmente de lado por Métayer, na medida em que ele reconhece que, para um “músico de escuta literária” como o filósofo do dezenove, ler significa “captar um tom”, “emprestar o ouvido a um *tempo* revelador” e “perceber na ligeireza uma figura de liberdade” (pp. 25-26). Não, Nietzsche não foi um estudioso-especialista de Voltaire. Mas, sim, não há mais dúvidas depois da obra de Métayer: Nietzsche leu o francês com cuidado, conheceu grande parte de sua obra, a discutiu com seus colegas... Daí não se desmente que ele foi um leitor eventual, mas se assegura ter ele sido um leitor profundo, e isso quer dizer: foi alguém que soube compartilhar o *pathos* da atitude voltairiana.

Compartilhamento de *pathos* envolve frequentemente aproximação estilística e, reconhecidamente, como Métayer lembra, o pensador francês foi para o alemão também um “mestre da arte de escrever” ou um “mestre do estilo” (p.31 e p.80). Arte de estilo que veicula afetos não é apenas a de Nietzsche, famoso por sua luta contra a forma decadente do ascetismo que rebaixa as paixões sob o império de uma razão pretensamente pura. Métayer lembra: assim como ele, também Voltaire “se esforça para livrar a humanidade da condenação acética das paixões” (p.109). Muito provável que seja precisamente nesse sentido que Voltaire sirva como modelo para a liberdade de espírito (p.114), tão visada por Nietzsche: “Voltaire não é, pois, uma simples ‘máscara’ de Nietzsche, mas uma etapa ‘em direção a ele mesmo’. Ele oferece um modelo de uma ‘liberdade de espírito’ antiteológica cujo programa o filósofo alemão aplica à moral” (p.171).

Talvez o mais marcante do livro de Métayer seja a perspicácia elogiável de identificar uma tradição da qual Nietzsche faria parte, na esteira de Voltaire, elogiável na medida em que recusam frequentemente associar o primeiro a qualquer tradição. Mas a perspicácia é certa: se Métayer escreve de Petrarca tratar-se de um “adversário da escolástica, representante do humanismo” (p.223), é para colocá-lo na família de Virgílio, Cícero e Erasmo, como o fez Nietzsche (*Humano, demasiado humano*, §26) e para mostrar que por essa classificação nietzschiana entram na família também ele mesmo e o filósofo-escritor francês (ver o capítulo *La republique des génies*).

Marcante também é o capítulo *De Zadig à Zarathoustra*¹, onde Métayer nos surpreende ao mostrar como o conto filosófico voltairiano *Zadig* se aproxima em muitos pontos da obra nietzschiana *Assim falava Zaratustra*. Se impressiona ao leitor – sobretudo aqueles que não conhecem ou uma ou outra obra – a semelhança de estilo e estrutura, mais ainda o faz a coincidência da escolha do personagem histórico Zoroastro como modelo de referência para os protagonistas de ambas as narrativas. Métayer é didático ao mostrar a importância que tal personagem tem tanto para Voltaire como para Nietzsche. De todo modo, a surpresa é ainda maior quando o autor mostra as semelhanças evidentes de passagens específicas, como a da serpente a acordar o protagonista com uma mordida (p.259), entre outras, das quais se destaca novamente a figura da serpente, mas, dessa vez como símbolo da eternidade, por morder a própria cauda formando um círculo (p.262).

Chega a ser cansativo listar uma segunda vez outras semelhanças entre os pensamentos de Voltaire e Nietzsche e prefiro deixar aqui o convite ao leitor para dedilhar as páginas de *Nietzsche et Voltaire* com seus próprios dedos. Não poderia, entretanto, deixar de pelo menos mencionar que o movimento combativo de ambos os pensadores, toma sempre a forma de uma “cristianofobia” (p.264) ou de um antiplatonismo (*L’Anti-Platon* é o título do capítulo IX), o que não deixar de ser a mesma coisa (cristianismo é platonismo para o povo...) e isso quer dizer, como bem sabemos, que o combate de que se trata é contra a metafísica.

Em passagem conhecida entre voltairianos, mas muito pouco entre nietzschianos, salta aos olhos a crítica à metafísica da linguagem, tão nua e tão crua, que pode ter servido como influência direta do francês para o alemão. Dada a popularidade excessiva deste em contraste ao pouco caso filosófico (um elogio circunstancial, porque inadvertido, da historiografia dominante?) dirigido àquele, citemos apenas os *Dialogues entre A, B et C*:

Uma rosa vegeta, mas não há absolutamente um pequeno indivíduo secreto que seja a vegetação [...] O desastre de toda a Antiguidade foi o de transformar assim palavras em seres reais: pretendia-se que uma ideia fosse um ser; fazia-se preciso consultar as ideias, os arquétipos que subsistem eu não sei onde. Platão deu curso a esse jargão, que se chama *filosofia*. Aristóteles reduziu essa quimera em método: daí essas entidades, essas quididades, essas ecceidades, e todas as barbáries da escola. Alguns sábios se aperceberam que todos esses

¹ Texto disponível, no original e em português, nesta mesma edição da Revista Trágica.

seres imaginários são apenas palavras inventadas para acalmar nosso entendimento; que a vida do animal não é outra coisa senão o animal vivendo; que suas ideias são o animal pensando, que a vegetação de uma planta não é nada além do que uma planta vegetante; que o movimento de uma bola é apenas a bola mudando de lugar; que, em uma palavra, todo ser metafísico é apenas uma de nossas concepções. Foi preciso dois mil anos para que esses sábios tivessem razão. (“Deuxième Entretien”, citado por Métayer na p.328)².

Não é apenas o conteúdo filosófico da crítica à metafísica logocêntrica que impera aqui: prestemos atenção na leveza do estilo, no bom humor que desfaz o peso, sinais da tranquilidade com que se destrói toda uma tradição venerada e idolatrada ordinariamente. São exemplos como esse, que Métayer mostra serem muito frequentes, que gritam ao leitor a irmandade inegável entre Voltaire e Nietzsche, esses dois exemplares da natureza “satírica e bufona que exprime um transbordamento de energia dionisíaca, um abandono à crueldade benigna e imoralista do riso que é exceção na história da escrita filosófica” (pp.392-393).

De todo modo, a questão mais difícil a resolver, a propósito da relação entre os dois pensadores, é sem dúvida como conciliar o ateísmo nietzschiano ao teísmo voltairiano. A saída de Métayer pode parecer um pouco surpreendente: “O teísmo do escritor francês faz o papel de um cultivo³ moral e social de seu próprio projeto de dessacralização” (p.93). Entretanto, é usual entre voltairianos a leitura que propõe justamente isso, a saber, que a religião natural teísta em Voltaire tenha, mais do que tudo, o propósito de vencer a superstição e o fanatismo das religiões em geral.

Para Métayer, como recurso político-educacional contra o fanatismo, o teísmo voltairiano se consolida assim como uma filosofia da imanência, por restringir toda possibilidade de conhecimento à *physis*: “Voltaire também evita a cisão no Ser da transcendência”, diz Métayer, para acrescentar que se o teísmo voltairiano “poderia parecer ainda prisioneiro da metafísica”, Voltaire defende que e faz com que a (sua)

² Mas a ideia está presente em outras passagens de Voltaire. Métayer cita na página seguinte as *Questions sur l'Encyclopédie*, “Bien, souverain bien”, mas não podemos esquecer do *Il faut prendre un parti* – na p.382 da edição das *Lettres Philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*, editada pela GF-Flammarion em 2006.

³ O termo *bridage* implica tradução especial no contexto do livro de Métayer. Trata-se da ideia de “cultura” como “cultivo”, que aliás explica o sentido também, para o português, de “civilização”. O sentido mais imediato para o significante seria o de “refreamento” ou “sujeição”, de *bride*, isto é, “rédea”. Faço essa nota para comentar resumidamente o capítulo *Le maître de danse de Nietzsche*. Métayer aproxima corretamente a noção de civilização nos dois pensadores, dizendo que, para ambos, o controle e sujeição dos instintos (como, em Nietzsche, por mecanismos de sublimação ou espiritualização) é essencial para a cultura, isto é, para o cultivo da civilização. Ao fazê-lo, Métayer lembra da metáfora nietzschiana da “dança em correntes” como essa capacidade de criar pela e na *bridage*, “dança” que teria sido aprendida com Voltaire.

noção de Deus permaneça inacessível aos homens, inacessibilidade que funcionaria como um “artifício de imanência” (p.358).

Para finalizar, prevendo aqueles que recusam *a priori* aproximações sem dissonâncias, lembro que Métayer não deixa de ver as diferenças brutais entre Voltaire e Nietzsche. A principal delas, certamente, é relativa ao campo da filosofia moral. Nietzsche exercita a crítica ferrenha a toda deontologia. Voltaire, em contrapartida, prevê a moral universal kantiana sustentada no imperativo de não fazer ao outro aquilo que se entende como sendo errado, imperativo sustentado na compreensão da gravidade de seu inverso e, por conseguinte, no desejo de que o outro aja segundo a mesma regra (p.378).

Em suma, por um lado obra academicamente fiável, erudita e muito bem sustentada, por outro, convite para o aprofundamento em dois dos grandes espíritos da história do pensamento ocidental, tal é a envergadura de *Nietzsche et Voltaire: de la liberté de l'esprit et de la civilisation*.

Recebido em: 28/12/2013 – Received in: 12/28/2013

Aprovado em: 10/05/2014 – Approved in: 05/10/2014